



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0232/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 27/08/2025**

Gabinete saudita reafirma apoio à posição da OIC sobre Gaza e pede acção global urgente



A sessão discutiu ainda uma mensagem que o Rei Salman recebeu do Presidente El-Sisi sobre as relações bilaterais entre Riade e Cairo.

O Conselho de Ministros do Reino da Arábia Saudita, presidido ontem terça-feira pelo Rei Salman, afirmou seu apoio aos resultados da reunião do Conselho de Ministros das Relações Exteriores da Organização de Cooperação Islâmica, realizada em Jeddah para abordar a agressão contínua de Israel contra o povo palestino.

Em um comunicado divulgado pela Agência de Imprensa Saudita, o Gabinete reiterou o apelo do Reino à comunidade internacional, particularmente aos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, para intervir urgentemente para acabar com a violência e proteger os civis. Os ministros também revisaram os resultados dos recentes compromissos de alto nível, incluindo a reunião do Príncipe herdeiro

Mohammed bin Salman com o Presidente egípcio Abdel Fattah El-Sisi e seu telefonema com o Presidente russo, Vladimir Putin. A sessão discutiu ainda uma mensagem que o Rei Salman recebeu do Presidente El-Sisi sobre as relações bilaterais entre Riade e Cairo. **Fonte-Arab News.**

[Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita chega a Berlim em visita oficial](#)



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, chegou ontem terça-feira em Berlim para uma visita oficial, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Príncipe Faisal deve se encontrar com seu homólogo alemão, Johann Wadephul, para discutir as relações bilaterais e os desenvolvimentos de interesse comum. **Fonte-Arab News.**

[Governador de Najran recebe embaixador de Malta](#)



O Príncipe Jalawi bin Abdulaziz (à direita) conversa com Clive Aguilina Spagnol em Najran.

O Príncipe Jalawi bin Abdulaziz, governador de Najran, recebeu ontem terça-feira em Najran o embaixador de Malta no Reino, Clive Aguilina Spagnol. Durante a reunião, eles discutiram maneiras de melhorar as relações bilaterais e outros tópicos de interesse mútuo, informou a Agência de Imprensa Saudita. O Príncipe Jalawi observou que as relações entre os dois países são "baseadas em bases sólidas de amizade e cooperação". O embaixador expressou sua admiração pelos desenvolvimentos turísticos na região. **Fonte-Arab News.**

Metrô de Riade ultrapassa 100 milhões de passageiros em menos de 9 meses



Uma vista de dentro de um trem da linha verde do metrô de Riade ao se aproximar da estação do distrito financeiro King Abdullah em Riade, Reino da Arábia Saudita, em 28 de janeiro de 2025.

O metrô de Riade atingiu um marco importante ao transportar mais de 100 milhões de passageiros desde seu lançamento em dezembro de 2024. Operado pela Comissão Real da Cidade de Riade, o metrô manteve uma taxa de pontualidade de 99,7%, informou a Agência de Imprensa Saudita. A linha azul do serviço registrou o maior uso, com 46,5 milhões de passageiros. A linha vermelha ficou em segundo lugar com 17 milhões, seguida pela linha laranja com 12 milhões. Qasr Al-Hokm, KAFDA, stc e o Museu Nacional estavam entre as estações mais movimentadas, respondendo juntas por mais de 29% do número total de passageiros. Em uma mensagem postada pela Riyadh Transport na plataforma digital X, o passageiro 100 milhões, Masaad Al-Obaid, disse que não tinha ideia de que sua jornada de rotina seria um marco extraordinário na história do metrô até que um membro da equipe o informou. Para marcar a ocasião importante, ele foi presenteado com um cartão de viagem que lhe proporcionava viagens gratuitas. O metrô é a maior rede sem motorista do mundo, estendendo-se por 176 km pela capital. O sistema visa melhorar a mobilidade, expandir as opções de viagem e reforçar o transporte público como solução para a capital. O metrô está alinhado com os objectivos do plano Visão Saudita 2030 para o desenvolvimento e diversificação nacional, em particular seus objectivos de modernizar o sector de transporte. Há planos para expandir a rede ferroviária em mais de 50% para conectar as principais cidades e ajudar a impulsionar o comércio. **Fonte-Arab News.**

Ministério dos Petróleos do Egito diz que obras estão em andamento em três novos poços no campo de gás de Zohr



Zohr foi descoberto em 2015 pela Eni e começou a produzir gás no final de 2017.

O trabalho está em andamento em três novos poços no campo de gás Zohr, no Mediterrâneo, no actual ano fiscal, disse ontem terça-feira o Ministério dos Petróleos do Egito. Outro poço, o poço Zohr-6, adicionou cerca de 65 milhões de pés cúbicos

por dia de gás à produção do Egito, acrescentou o ministério. O grupo italiano de energia Eni, operador de Zohr, retomou a perfuração no campo de Zohr em fevereiro, depois que a produção foi reduzida por causa de atrasos devidos a empresas petrolíferas estrangeiras. A produção no maior campo de gás encontrado no Mediterrâneo caiu para 1,9 bilhão de pés cúbicos por dia no início de 2024, bem abaixo do pico alcançado em 2019.

Zohr foi descoberto em 2015 pela Eni e começou a produzir gás no final de 2017. Ele contém cerca de 30 trilhões de pés cúbicos de gás. O campo é operado pela Petrobel, uma joint venture da Eni e da estatal egípcia General Petroleum Corp. **Fonte-Reuters.**

[Hamas contesta relato israelense sobre vítimas em hospital em Gaza](#)

O Hamas negou ontem terça-feira que qualquer um dos palestinos mortos no ataque de Israel ao hospital Nasser, em Gaza, na passada segunda-feira, seja militante. Antes, Israel disse que matou seis militantes no ataque, mas estava investigando como civis, incluindo cinco jornalistas, foram mortos. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, descreveu isso como um "acidente trágico".

O gabinete de imprensa do governo do Hamas disse em um comunicado que um dos seis palestinos que Israel alegou serem militantes foi morto em Al-Mawasi, a alguma distância do hospital, e outro foi morto em outro lugar em um momento diferente. O comunicado do Hamas não esclareceu se os dois que foram mortos em outros lugares também eram civis. **Fonte-Reuters.**

[Manifestantes israelenses exigem acordo de reféns enquanto o gabinete se reúne](#)



Um manifestante segura um cartaz com uma imagem de Donald Trump durante um comício para exigir o fim imediato da guerra em Gaza e a libertação de todos os reféns, Tel Aviv, Israel, 26 de agosto de 2025.

Milhares de manifestantes se reuniram em Tel Aviv ontem terça-feira, buscando pressionar o governo a acabar com a guerra em Gaza e chegar a um acordo para devolver os reféns. Os primeiros protestos começaram ao amanhecer, quando os manifestantes bloquearam estradas no centro comercial, onde agitaram bandeiras israelenses e seguraram fotos dos reféns, informaram jornalistas da AFP. A imprensa israelense disse que outros se reuniram perto da filial da embaixada dos EUA na cidade, bem como do lado de fora das casas de vários ministros. Horas depois, quando o sol se pôs sobre Tel Aviv, milhares de pessoas se reuniram na "Praça dos Reféns", que serviu como ponto focal para o movimento de protesto por meses. As pessoas na multidão tocaram buzinas,

apitaram e tocaram tambores enquanto cantavam: "O governo está falhando connosco, não vamos desistir até que todos os reféns estejam em casa". "Estou aqui em primeiro lugar para protestar e pedir ao governo que faça um acordo e traga todos os reféns para casa e acabe com a guerra", disse o manifestante Yoav Vider, de 29 anos.

Após a reunião do gabinete, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu falou mais tarde em um evento na noite de ontem terça-feira, permanecendo vago sobre as intenções do governo, já que a imprensa israelense informou que a reunião havia sido inconclusiva. "Acabamos de chegar de uma reunião de gabinete. Acho que não posso elaborar muito", disse Netanyahu. "Mas vou dizer uma coisa: começou em Gaza e terminará em Gaza. Não vamos deixar esses monstros lá."

O gabinete de segurança aprovou um plano no início de agosto para que os militares tomem a Cidade de Gaza, provocando novos temores pela segurança dos reféns e uma nova onda de protestos que viu dezenas de milhares de pessoas tomarem as ruas. Na semana passada, Netanyahu ordenou negociações imediatas com o objectivo de garantir a libertação de todos os prisioneiros restantes em Gaza, ao mesmo tempo em que dobrava os planos para uma nova ofensiva para tomar a maior cidade de Gaza.

Isso ocorreu dias depois que o Hamas disse que havia aceitado uma nova proposta de cessar-fogo apresentada por mediadores que veria a libertação escalonada de reféns durante um período inicial de 60 dias em troca de prisioneiros palestinos mantidos por Israel. Ontem, terça-feira, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Qatar, Majed Al-Ansari, disse em uma colectiva de imprensa regular que os mediadores ainda estavam "esperando por uma resposta" de Israel à última proposta. "A responsabilidade agora recai sobre o lado israelense de responder a uma oferta que está sobre a mesa. Qualquer outra coisa é postura política do lado israelense." No início do dia, as famílias dos reféns em Tel Aviv criticaram o governo por não priorizar um acordo que poderia libertar aqueles que ainda são mantidos em cativeiro em Gaza. "O primeiro-ministro (Benjamin) Netanyahu prioriza a destruição do Hamas em vez de libertar os reféns", disse Ruby Chen, cujo filho foi sequestrado por militantes em outubro de 2023. "Ele acredita que está tudo bem e é uma alternativa válida sacrificar 50 reféns por necessidades políticas", disse ele em um discurso em uma das manifestações de ontem terça-feira. Israel tem estado sob crescente pressão, tanto em casa quanto no exterior, para encerrar sua campanha em Gaza, onde a fome foi declarada e Grande parte do território foi devastada. Na segunda-feira, ataques israelenses atingiram um hospital de Gaza, matando pelo menos 20 pessoas, incluindo cinco jornalistas que trabalhavam para a Al Jazeera, a Associated Press e a Reuters, entre outros veículos. Governos de todo o mundo, incluindo aliados israelenses leais, expressaram choque com o ataque. **Fonte-Reuters.**

[**Trump presidirá 'grande reunião' sobre Gaza pós-guerra, diz enviado dos EUA**](#)

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, realizará uma reunião hoje quarta-feira sobre os planos pós-guerra para Gaza, disse ontem o seu enviado Steve Witkoff. "Temos uma grande reunião na Casa Branca hoje, presidida pelo presidente, e é um plano muito abrangente que estamos montando no dia seguinte", disse Witkoff em entrevista à Fox News, sem fornecer mais detalhes. Ele foi questionado se havia "um

plano para um dia depois em Gaza", referindo-se ao fim da guerra de Israel no território palestino que começou em outubro de 2023. Trump surpreendeu o mundo no início deste ano quando sugeriu que os Estados Unidos deveriam assumir o controle da Faixa de Gaza, limpar seus dois milhões de habitantes e construir imóveis à beira-mar, dizendo que, os Estados Unidos removeriam escombros e bombas não detonadas e transformariam Gaza na "Riviera do Médio Oriente".

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, elogiou a proposta, que foi fortemente criticada por muitos países europeus e árabes. Witkoff não detalhou o plano que divulgou ontem terça-feira, mas disse acreditar que as pessoas "veriam como é robusto e como é, quanto bem intencionado é". A guerra em Gaza foi desencadeada pelo ataque do Hamas em outubro de 2023 a Israel, que resultou na morte de 1.219 pessoas, a maioria civis, de acordo com uma contagem da AFP baseada em números oficiais. A ofensiva retaliatória de Israel matou pelo menos 62.819 palestinos, a maioria deles civis, de acordo com dados do Ministério da Saúde em Gaza, controlada pelo Hamas, que as Nações Unidas consideram confiáveis. **Fonte-Reuters**.

[**Dinamarca não exclui o reconhecimento do Estado palestino**](#)



A Dinamarca não descarta a possibilidade de reconhecer o Estado palestino, desde que seja democrático, disse ontem terça-feira a primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen.

A Dinamarca não descarta a possibilidade de reconhecer um Estado palestino, desde que seja democrático, disse ontem terça-feira a primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen.

"Não estamos dizendo não ao reconhecimento da Palestina como um Estado", disse ela a repórteres. "Somos a favor disso. Temos sido por um longo tempo. É o que queremos. Mas é claro que temos que ter certeza de que será um Estado democrático", acrescentou.

No domingo, mais de 10.000 pessoas marcharam em um protesto no centro de Copenhague pedindo o fim da guerra em Gaza e pedindo à Dinamarca que reconheça o Estado palestino. Em uma entrevista ao jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* em 16 de agosto, Frederiksen disse que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu "agora é um problema em si mesmo" e que seu governo israelense está indo "longe demais".

"As acções contínuas e muito violentas de Netanyahu em Gaza são inaceitáveis", escreveu ela no Facebook no mesmo dia, acrescentando que, desde o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, apoia o direito de Israel de eliminar a "ameaça representada pelo Hamas". O reconhecimento de um Estado palestino deve servir "ao objectivo certo", enfatizou ela ontem terça-feira. "Deve vir em um momento em que realmente

beneficia uma solução de dois Estados. E onde um Estado palestino duradouro e democrático pode ser garantido", disse ela. "E é claro que isso deve ser feito com o reconhecimento mútuo (do Hamas) de Israel." Enquanto isso, a Dinamarca planeja usar sua actual presidência da UE para aumentar a pressão sobre Israel. "Será difícil reunir o apoio necessário, mas faremos tudo o que pudermos", disse ela. **Fonte-Reuters.**

Chefe da agência nuclear da ONU diz que inspectores estão "de volta ao Irão"



O Irão suspendeu a cooperação com a Agência Internacional de Energia Atômica das Nações Unidas após uma guerra de 12 dias com Israel em junho.

O chefe da agência nuclear da Organização das Nações Unidas (ONU) disse que uma equipe de seus inspectores está "de volta ao Irão", a primeira a entrar desde os ataques israelenses e norte-americanos às instalações nucleares iranianas neste ano.

O Irão suspendeu a cooperação com a Agência Internacional de Energia Atômica das Nações Unidas após uma guerra de 12 dias com Israel em junho, com Teerão apontando para o fracasso da AIEA em condenar os ataques israelenses e americanos às suas instalações nucleares.

"Agora, a primeira equipe de inspectores da AIEA está de volta ao Irão e estamos prestes a recomeçar", disse o director-geral Rafael Grossi ao programa "The Story", da Fox News, em uma entrevista transmitida ontem terça-feira. "Quando se trata do Irão, como você sabe, existem muitas instalações. Algumas foram atacadas, outras não", disse Grossi. "Então, estamos discutindo que tipo de ... modalidades práticas podem ser implementadas para facilitar o reinício do nosso trabalho lá." O anúncio foi feito enquanto o Irão conversava com a Grã-Bretanha, França e Alemanha em Genebra ontem terça-feira, com Teerão buscando evitar uma retomada das sanções que as potências europeias ameaçaram impor sob um acordo nuclear moribundo de 2015.

O vice-ministro das Relações Exteriores do Irão, Kazem Gharibabadi, que participou nas negociações, disse que era "mais do que hora" de o trio europeu "fazer a escolha certa e dar tempo e espaço à diplomacia". Grã-Bretanha, França e Alemanha - partes do acordo de 2015 - ameaçaram accionar o "mecanismo de retorno" do acordo até o final de agosto. A reunião de ontem terça-feira foi a segunda ronda de negociações com diplomatas europeus desde o fim da guerra de junho, que foi desencadeada por um ataque surpresa israelense sem precedentes. **Fonte-Reuters.**

Agora é a hora de impor sanções a Israel



OSAMA AL-SHARIF

26 de agosto de 2025



A agência de defesa civil de Gaza disse que cinco jornalistas estavam entre as pelo menos 20 pessoas mortas em 25 de agosto por ataques israelenses.

O massacre da passada segunda-feira de 20 palestinos, incluindo quatro jornalistas, em dois ataques israelenses sucessivos e directos ao Hospital Nasser em Khan Younis, foi o mais recente de centenas, senão milhares, de crimes de guerra cometidos por Israel em Gaza nos últimos 22 meses. Além de tudo, chegou a hora de o mundo agir contra Israel e não permanecer complacente. Na ausência de uma resolução forte e unânime do Conselho de Segurança da ONU para invocar o Capítulo VII da Carta da ONU, a única opção que resta é que os países individuais imponham sanções a Israel em uma tentativa de controlá-lo e interromper sua guerra genocida em Gaza.

O mundo exige isso. Houve uma onda de protestos em todo o mundo no passado sábado e no domingo, denunciando Israel e pedindo a imposição de sanções. Poucos dias antes, a Classificação Integrada da Fase de Segurança Alimentar havia declarado oficialmente a fome na Cidade de Gaza e arredores, atribuindo-a ao desmantelamento dos sistemas de distribuição de ajuda por Israel e aos bloqueios ilegais de alimentos, água, combustível e suprimentos médicos. E, no entanto, Israel seguiu em frente com um plano ultrajante para ocupar e destruir a cidade, forçando aqueles que sobreviveriam milagrosamente ao bombardeio e à fome a serem deslocados mais uma vez.

Em meio à paralisia diplomática e à intransigência israelense, o caso para impor sanções a Tel Aviv em resposta à sua conduta em Gaza actualmente se baseia em alegações críveis e padrões documentados que a ONU, observadores independentes e organizações de direitos humanos classificam como claras violações do direito internacional, tratados internacionais e das Convenções de Genebra. Isso é separado, embora relevante, para as acções unilaterais de Israel na Cisjordânia que remontam a 1967. Uma das razões mais convincentes para a imposição de sanções é o papel de Israel na criação e manutenção de uma crise humanitária em Gaza que equivale a usar a fome como arma de guerra. Ao implementar um bloqueio estrito em Gaza, controlando todas

as fronteiras, espaço aéreo e acesso marítimo, Israel restringe severamente o movimento de mercadorias, incluindo alimentos essenciais, suprimentos médicos, combustível e materiais de construção. Esse bloqueio levou a uma escassez generalizada e a um quase colapso dos serviços básicos, sujeitando efectivamente a população civil a punições colectivas.

As políticas israelenses são directa e exclusivamente responsáveis pela morte de centenas de bebês, crianças e idosos por fome, desnutrição e doenças. Muitos desses casos são bem documentados e testemunhados por médicos locais e estrangeiros que trabalham nos hospitais remanescentes de Gaza.

E desde que a Fundação Humanitária de Gaza, apoiada pelos EUA e por Israel, tornou-se a única entidade autorizada a distribuir ajuda na Faixa, mais de 1.000 palestinos foram mortos a tiros por soldados israelenses e empreiteiros americanos enquanto lutavam para obter sua escassa parcela das doações. Novamente, esses casos são documentados e testemunhados por testemunhas oculares.

Com o número de mortos por Israel já ultrapassando 62.000, um número conservador, já que ainda há milhares que permanecem desaparecidos e acredita-se que estejam sob os escombros, a tomada pendente da Cidade de Gaza, lar de entre 500.000 e 1 milhão de almas, levará a um aumento dramático no total. Autoridades israelenses falam em arrasar a cidade e seus campos adjacentes, assim como o exército israelense fez na cidade agora apagada de Rafah.

Assim como Israel normalizou o assassinato de crianças em cidades de tendas e abrigos da ONU, as sanções podem servir como um impedimento para novas violações contra jornalistas e reforçar o princípio de que os ataques à imprensa são inaceitáveis sob as normas internacionais. Até agora, Israel matou mais de 215 jornalistas em Gaza, um número que nenhum outro conflito nos tempos modernos pode chegar perto. É importante notar que Israel continua a negar às agências de imprensa internacionais e aos jornalistas o acesso ao enclave sitiado para cobrir a guerra.

Os hospitais de Gaza, frequentemente bombardeados ou destruídos por ataques aéreos israelenses, destacam o desrespeito pela infraestrutura civil que fornece cuidados vitais. Israel ignorou os apelos de agências da ONU, organizações médicas e entidades de direitos humanos, matando dezenas de médicos, equipes médicas, enfermeiras e trabalhadores da defesa civil. A destruição de instalações de saúde viola as leis da guerra, que protegem as unidades médicas e o pessoal. As sanções podem obrigar a um maior respeito por essas normas e proteger as operações humanitárias, garantindo que a ajuda chegue aos mais necessitados.

Sanções, incluindo embargos de armas e restrições financeiras, podem limitar a capacidade de Israel de conduzir operações que resultem em sofrimento civil tão extenso e forçar o cumprimento dos padrões legais internacionais. Israel precisa acordar para o facto de que está sujeito ao direito internacional, assim como qualquer outro membro da ONU. Desde 1990, seis países do Médio Oriente estão sob sanções da ONU e do Estado por várias actividades que foram consideradas violações da Carta da ONU e das leis e convenções internacionais. Nenhum dos crimes desses estados se compara ao que Israel está fazendo em Gaza. As sanções impostas aos seis países da região

variaram em escopo, desde embargos econômicos abrangentes até medidas direcionadas contra indivíduos, entidades ou setores específicos.

Agora, a obstinação de Israel, o senso de impunidade e o desrespeito ao direito internacional estão criando um impulso muito necessário nos países ocidentais para impor sanções, algo que seria impensável há alguns anos. No mês passado, mais de 80 membros britânicos do Parlamento e membros da Câmara dos Lordes assinaram uma carta aberta ao secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, David Lammy, pedindo sanções abrangentes a Israel por suas supostas violações do direito internacional humanitário em Gaza.

E na semana passada, o ministro das Relações Exteriores holandês, Caspar Veldkamp, renunciou depois de não conseguir garantir o apoio do gabinete para impor novas sanções contra Israel por suas ações militares em Gaza. Ele propôs medidas, incluindo proibições de viagens a autoridades israelenses de extrema-direita, cancelamento de licenças de exportação ligadas a equipamentos militares e proibição de importações de assentamentos israelenses. Ele expressou frustração com os parceiros de coalizão que se opuseram a essas sanções e criticou as ações de Israel como "diametralmente opostas aos tratados internacionais". Sua decisão de renunciar desencadeou mais renúncias em seu partido, aprofundando a crise do governo na Holanda.

Apenas um país está firmemente ao lado de Israel em sua guerra genocida e são os EUA. Em vez de pressionar o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu a adoptar um cessar-fogo que garantiria o retorno dos reféns e acabaria com a guerra, Washington dobrou seu apoio militar e diplomático, impondo sanções contra juristas internacionais que investigam os crimes de Israel em Gaza.

O mundo hoje está em uma encruzilhada crítica: pode intervir para acabar com a guerra e responsabilizar Israel por suas ações como qualquer estado normal ou ser testemunha do crime do século - a limpeza étnica de mais de 2 milhões de palestinos. O único caminho disponível é impor sanções a Israel. É hora de os EUA se distanciarem de um criminoso de guerra e de um governo genocida, não apenas pelo bem dos palestinos, da região e do mundo, mas também pelo bem de Israel.

Osama Al-Sharif é jornalista e comentarista político baseado em Amã. X: @plato010

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

